



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA**

VALTICLÉIA HENRIQUE TARGINO MONTEIRO

**PERFIL EMPREENDEDOR DOS PROFISSIONAIS DE ARQUIVO NO SETOR
PÚBLICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS ARQUIVISTAS E TÉCNICOS DE
ARQUIVO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**JOÃO PESSOA – PB
2020**

VALTICLÉIA HENRIQUE TARGINO MONTEIRO

PERFIL EMPREENDEDOR DOS PROFISSIONAIS DE ARQUIVO NO SETOR PÚBLICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS ARQUIVISTAS E TÉCNICOS DE ARQUIVO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso Superior em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Julianne Teixeira e Silva.

JOÃO PESSOA – PB
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M775p Monteiro, Valticleia Henrique Targino.

Perfil empreendedor dos profissionais de arquivo no setor público: uma análise a partir dos arquivos e técnicas de arquivo da UFPB / Valticleia Henrique Targino Monteiro. - João Pessoa, 2021.

46 f.

Orientação: Julianne Teixeira e Silva.

TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Perfil profissional. 2. Arquivista. 3. Empreendedorismo. I. Silva, Julianne Teixeira e. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 935.25(02)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

FOLHA Nº 15 / 2021 - CCSA - CARQ (11.01.13.08)

Nº do Protocolo: 23074.075679/2021-39

João Pessoa-PB, 30 de Julho de 2021

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VALTICLEIA HENRIQUE TARGINO MONTEIRO

PERFIL EMPREENDEDOR DOS ARQUIVISTAS NO SETOR PÚBLICO: uma análise e perfil a partir dos arquivistas da UFPB

Artigo apresentado ao Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Arquivologia.

Data de aprovação: 14 de agosto de 2020

Resultado: APROVADA

BANCA EXAMINADORA:

Assinam eletronicamente esse documento os membros da banca examinadora, a saber: Profa. Dra. Julianne Teixeira e Silva (orientadora), Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz Córdula e Prof. Me. Rayan Aramis de Brito Feitoza (membros).

(Assinado digitalmente em 30/07/2021 18:44)

**ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1272602**

(Assinado digitalmente em 30/07/2021 19:06)

**JULIANNE TEIXEIRA E SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1749263**

(Assinado digitalmente em 31/07/2021 12:33)

**RAYAN ARAMIS DE BRITO FEITOZA
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR -
SUBSTITUTO
Matrícula: 3753641**

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **15**, ano: **2021**, documento(espécie): **FOLHA**, data de emissão: **30/07/2021** e o código de verificação: **8e46ee5732**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida.

Ao meu esposo, Adelson Júnior, e minhas filhas, Gabriella e Bianca, que estão sempre comigo, me apoiando e encorajando em todos os momentos. Sem vocês nada seria possível, tenho eterna gratidão a Deus por permitir que sejam minha família. Todos os dias acordo tentando ser uma pessoa melhor por mim e por vocês. Amo vocês!

Sou grata aos meus pais, Plácido Targino da Silva (em memória) e Quitéria Henrique Targino (em memória), por acreditarem que a educação é o melhor caminho e fazendo o impossível para tentar manter meu foco nos estudos, foram meu alicerce. Não consigo expressar o quanto foram importantes em minha vida.

Aos meus irmãos pelas conversas e palavras de incentivo sempre torcendo pelo meu sucesso.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Julianne Teixeira e Silva, pela orientação e incentivo com toda disponibilidade e suporte, sendo determinante para que eu concluísse esta etapa.

Aos meus colegas de turma, em especial Lizângela Lima e Leonardo Lins, que sempre estiveram presentes durante a graduação.

Aos professores Ana Cláudia e Rayan, por aceitarem o convite de participar da banca examinadora.

Aos funcionários do Arquivo Central da UFPEB, por dedicarem um momento do seu dia para responder o questionário de minha pesquisa. Obrigada!

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho apresenta discussão sobre o empreendedor arquivista como aquele que identifica as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho e que possui a habilidade criativa para se reinventar na profissão e buscar soluções inovadoras para solucionar os obstáculos existentes e assumindo riscos. Sob esse aspecto, a pesquisa trata da análise do perfil empreendedor dos arquivistas do setor público. Foram coletados dados junto aos arquivistas do Arquivo Central da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisa descritiva de abordagem quali-quantitativa coletou e analisou dados sobre o comportamento voltado ao intraempreendedorismo, que é caracterizado pelo perfil empreendedor que o funcionário de uma empresa/instituição desempenha dentro do seu local de trabalho, sendo ele um subordinado. Os resultados mostraram que há necessidade de ampliar as discussões sobre o tema no setor público, bem como nos cursos de graduação que são responsáveis pela formação desses profissionais.

Palavras-chave: Perfil profissional. Arquivista. Intraempreendedorismo. Arquivo. Universidade Federal da Paraíba.

ABSTRACT

The present work it presents a discussion about the archivist entrepreneur as one who identifies the opportunities offered by the job market and who possesses the creative ability to reinvent himself in the profession and seek innovative solutions to solve the existing obstacles and taking risks. In this regard, the research deals with the analysis of the entrepreneurial profile of public sector archivists. Data were collected from the archivists of the Central Archive of the Universidade Federal da Paraíba. Descriptive research with a qualitative and quantitative approach collected and analyzed data on the behavior aimed at intrapreneurship, which is characterized by the entrepreneurial profile that the employee of a company / institution performs within his workplace, being a subordinate. The results showed that there is a need to expand discussions on the topic, within the public sector as well as in undergraduate courses that are responsible for training these professionals.

Keywords: Professional profile. Archivist. Intrapreneurship. Universidade Federal da Paraíba.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. EMPREENDEDORISMO	10
2.1 BREVE HISTÓRICO DO EMPREENDEDORISMO	10
2.1.1 O empreendedorismo no mundo.....	10
2.1.2 O empreendedorismo no Brasil.....	12
2.2 CARACTERÍSTICAS DO SER EMPREENDEDOR	12
3. ARQUIVOLOGIA	15
3.1 CONCEITO	15
3.2 BREVE HISTÓRIA DA ARQUIVOLOGIA	15
3.3 ARQUIVOLOGIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO.....	16
4. O PROFISSIONAL DE ARQUIVO	19
5. O PERFIL EMPREENDEDOR DO ARQUIVISTA NO SETOR PÚBLICO	21
5.1. ARQUIVISTA INTRAEMPREENDEDOR.....	22
5.2. OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS PARA O ARQUIVISTA INTRAEMPREENDEDOR DO SETOR PÚBLICO.....	23
5.3. CARACTERÍSTICAS QUE O ARQUIVISTA INTRAEMPREENDEDOR DO SETOR PÚBLICO DEVE DESENVOLVER.....	24
6. ARQUIVO CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)	26
6.1 REGIMENTO INTERNO DO ARQUIVO CENTRAL (ACE), NORMATIZAÇÃO DO SISTEMA DE ARQUIVOS DA UFPB (SIARQ/UFPB) E DA COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS (CAPAD)	27
7. PERCURSO METODOLÓGICO	30
7.1 AMOSTRA E COLETA DE DADOS	30
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A - MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO	42

1. INTRODUÇÃO

O perfil empreendedor é encontrado em pessoas que têm um olhar diferente para tudo, ver potencial em coisas que a maioria não consegue enxergar, percebendo oportunidades no meio do caos. Aqueles que aprendem a transformar sonhos em realidade, oportunidades em ações decisivas, metas e objetivos em resultados concretos e boas ideias em ofertas de produtos e serviços inovadores (CHIAVENATO, 2012).

O aumento da competitividade nos negócios influencia a sociedade como um todo, promovendo também mudanças no perfil dos profissionais (BAHIA, SEITZ, 2009). Diante desta realidade, queremos destacar a necessidade de inovação, proatividade, capacidade para resolver problemas que todo profissional precisa ter.

O arquivista, por sua vez, tem que buscar desenvolver competências do perfil empreendedor, só assim estará pronto para competir, disputando seu espaço. Este mercado vai aproveitar os mais capacitados e que tenham um potencial para resolver problemas e inovar, assim, a necessidade de desenvolver o perfil empreendedor faz toda diferença.

Quais características compõem o perfil empreendedor dos profissionais de arquivo que trabalham no setor público? Este é o questionamento norteador do presente trabalho. Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar o perfil empreendedor dos profissionais de arquivo no setor público, tendo como *lócus* de pesquisa os profissionais do Arquivo Central da Universidade Federal da Paraíba. Para tanto, nos objetivos específicos iremos estruturar, a partir da literatura, critérios que tracem um perfil empreendedor, identificar a capacidade empreendedora dos arquivistas, como também caracterizar o perfil intraempreendedor destes funcionários públicos que trabalham no Arquivo Central da UFPB.

O profissional que trabalha no setor público deve exercer sua função da melhor forma possível, de modo a oferecer aos cidadãos um serviço de qualidade. Contudo, estes serviços são, na maioria das vezes, ineficazes, devido ao sistema retrógrado e defasado, além de, muitas vezes, haver falta de preparo dos próprios servidores públicos. A escolha do tema surgiu, portanto,

pela percepção da falta desse perfil intraempreendedor nos funcionários do setor público.

A pesquisa realizada com os profissionais de arquivo do Arquivo Central da UFPB revela que 75% destes profissionais não se consideram com perfil empreendedor, o que evidencia a inaptidão desses profissionais para ações intraempreendedoras no serviço público no sentido de torná-lo mais eficiente e célere.

2. EMPREENDEDORISMO

O termo “empreendedor”, que deriva da palavra francesa *entrepreneur* e significa “aquele que está entre” ou “intermediário”, foi usada pela primeira vez em 1725, pelo economista irlandês Richard Cantillon, para denominar o indivíduo que assume riscos. O empreendedor se caracteriza pelo seu espírito criativo, por não ter medo de correr riscos, por aproveitar as oportunidades e ver potencial de êxito onde ninguém mais consegue enxergar, a não ser ele. Assim criando algo novo e que adicione ao mercado e também à sociedade algo de valor não só monetário, como também de incentivo aos avanços sociais e tecnológicos.

Segundo Chiavenato (2012), “o empreendedor é a pessoa que inicia e/ou dinamiza um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente”. Ou seja, aquele que decide empreender tem de ter iniciativa e estar pronto para enfrentar os riscos que o acompanham, pois as variáveis para se alcançar o sucesso são as mais diversas.

O empreendedor consegue fazer as coisas acontecerem por ser dotado de sensibilidade para os negócios, tino financeiro e capacidade de identificar e aproveitar oportunidades, nem sempre claras e definidas. Com esse arsenal, transforma ideias em realidade para benefício próprio e para benefício da sociedade e da comunidade. (CHIAVENATO, 2012, p. 8).

2.1 Breve histórico do Empreendedorismo

2.1.1 O empreendedorismo no mundo

O empreendedorismo tem sua origem ligada intimamente ao ser humano, a partir do momento em que se pensam formas de se mudar os sistemas existentes, criando melhores formas de se fazer e oferecer algum produto ou serviço, possibilitando o desenvolvimento da sociedade, além da movimentação da economia.

Nesta primeira fase do empreendedorismo, o economista francês Jean-Baptiste Say (1814) utilizou o termo para se referir aos indivíduos que

transferem recursos econômicos de um setor para outro, de acordo com o aumento da produtividade de cada um, gerando uma grande confusão na distinção entre o ser empreendedor e o ser investidor. Portanto, é importante que façamos tal diferenciação. Enquanto o primeiro é aquele que cria, organiza e gerencia uma atividade, correndo os riscos que dela provêm, o segundo é um investidor de capital que faz com que as ideias e objetivos do empreendedor sejam movimentadas e implementadas.

Podemos observar de forma mais explícita essa distinção com a Revolução Industrial, momento marcado por grandes avanços tecnológicos e por uma grande mudança do estilo de vida da sociedade, em que a população deixou de ser predominantemente rural para se tornar urbana. Segundo Telma Padilha Custódio (2011), o empreendedor foi finalmente diferenciado do fornecedor de capital, que é o investidor de risco da atualidade, sendo a principal causa para esta diferenciação, a industrialização.

Até meados dos anos 1950, diversos economistas europeus conceituaram o empreendedorismo seguindo os contextos sociais e econômicos de cada época. Porém, um dos que tiveram maior destaque foi o economista austríaco Joseph Schumpeter. Para ele, o empreendedor é aquele que transforma seus desejos e sonhos em realidades inovadoras e bem-sucedidas. De acordo com Chiavenato (2012):

Para Schumpeter (1950), um empreendedor é uma pessoa que deseja e é capaz de converter uma nova ideia ou invenção em uma inovação bem-sucedida e sua principal tarefa é a “destruição criativa”, a qual se dá por intermédio da mudança, ou seja, com a introdução de novos produtos ou serviços em substituição aos que eram utilizados. (CHIAVENATO, 2012, p. 6).

A destruição criativa trata-se, portanto, do combustível que impulsiona a dinâmica das indústrias e, por conseguinte, o crescimento econômico. Porém, para que a destruição criativa seja eficaz é preciso muito tempo e persistência, pois é uma tarefa árdua. Um de seus maiores desafios é a desconstrução que deve ser feita em relação ao sistema já incorporado para que a sociedade se convença de que esse novo modelo – inovador – é mais vantajoso.

Por ser uma ferramenta importante para a renovação do mercado e da economia, a destruição criativa torna-se uma peça chave do capitalismo.

2.1.2 O empreendedorismo no Brasil

O empreendedorismo, como já vimos, sempre esteve presente, sendo inerente à evolução humana, pois sem ele não há que se falar em desenvolvimento. Entretanto, quando falamos do crescimento do empreendedorismo no Brasil, percebemos que este caminha a passos lentos, sendo ainda estigmatizado por muitos.

Uma pesquisa realizada pelo *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)*, em 2019, identificou que a taxa de empreendedorismo no Brasil é de 38,7%, o que significa o envolvimento de aproximadamente 53,5 milhões de pessoas em alguma atividade empreendedora.

Apesar de estas estatísticas serem animadoras se compararmos o grande crescimento do empreendedorismo em nosso país nos últimos anos, ainda estamos muito abaixo do ideal, e isto se dá, principalmente, porque a maioria das pessoas só enxergam esta característica no setor empresarial e pensam, equivocadamente, que só quem pode ser empreendedor é o empresário.

O empreendedorismo empresarial, entretanto, é apenas um dos vários outros tipos de empreendedorismo. Há, ainda, dentre os mais comuns, o empreendedorismo social, o intraempreendedorismo e o empreendedorismo público.

2.2 Características do ser empreendedor

Nos anos de 1960, a teoria do psicólogo americano David McClelland ganhou bastante destaque nos estudos sobre empreendedorismo, sendo o pioneiro a debater o tema fora da seara socioeconômica e o trazendo para a área dos estudos comportamentais, buscando identificar quais seriam as características básicas necessárias para se tornar um empreendedor. Sob esse aspecto, podemos afirmar que ele foi um empreendedor, pois resolveu analisar o tema de forma totalmente inovadora.

McClelland (1961) identificou, a partir da teoria da motivação psicológica, que o empreendedor é motivado por três necessidades: a necessidade de realização voltada para a

competição e superação de obstáculos pessoais, ambientais e de negócios; a necessidade de poder que remeta a reputação e a posição social; e a necessidade de afiliação, ou seja, de manter relacionamentos com outras pessoas e ser aceito pelo grupo. (GUIMARAES JUNIOR; MACEDO, 2013).

A partir de seus estudos comportamentais para entender o porquê de alguns empreendimentos obterem êxito e outros falharem, McClelland percebeu três necessidades básicas de todo empreendedor. São elas: o poder, a afiliação e o sucesso.

O motivo de poder se trata da função de líder que o empreendedor deve ter, de modo a guiar as outras pessoas e influenciá-las, exercendo um papel de autoridade. Segundo esta teoria, os empreendedores:

[...] Preferem o confronto, a concorrência e se preocupam muito com seu prestígio, reputação e com a influência que possam exercer sobre as outras pessoas, inclusive, mais do que com os seus resultados. Procuram posições de liderança e possuem elevada tendência ao poder associado a atividades competitivas. As pessoas desejam ter uma elevada valorização de si mesmas, solidamente firmada na realidade do momento, manifestada pelo reconhecimento e respeito dos outros. (SEBRAE, 2013, p. 34).

Já a motivação predominante pelas necessidades de afiliação ou participação social concerne ao desejo de se relacionar com outras pessoas, é o *networking*, ou seja, a capacidade de estabelecer e expandir a sua rede de contatos. Esta prática é essencial para o sucesso de um empreendimento, pois potencializa as oportunidades e ajuda na troca de experiência, de modo que uns aprendam com os erros e acertos dos outros, tornando mais eficiente e eficaz o caminho para o sucesso do empreendimento pretendido.

[...] É uma necessidade social, de companheirismo e apoio por ideias em comum, para desenvolvimento de relacionamentos significativos com pessoas (podem estar motivados por cargos que exigem interação frequente com colegas). Demonstram ter dificuldade em avaliar os subordinados de forma objetiva, pois as pessoas são mais importantes que a produção de outputs. A aproximação com os demais pode se dar por um desejo de confirmação de suas ideias. [...] (SEBRAE, 2013, p. 33).

Por fim, há a motivação de realização, que nada mais é do que o desejo de superação. Portanto, não é suficiente apenas conseguir alcançar os objetivos propostos, mas fazê-lo da melhor forma possível. Quem possui esta

característica tem sede por conhecimento, busca estar sempre em crescimento e se melhorando, pois quer ser o melhor no que faz.

Desejo de alcançar algo difícil. As pessoas se interessam pelo seu próprio desenvolvimento, por destacarem-se aceitando responsabilidades pessoais e, também, por tentarem fazer bem as coisas, terem sucesso, inclusive, acima dos prêmios. Exigem um padrão de sucesso, domínio de tarefas complexas e superação de outras (gostam de assumir responsabilidades; de correr riscos calculados; querem retorno concreto sobre seu desempenho; [...]) (SEBRAE, 2013, p. 33).

Além de McClelland, outros estudiosos também se dedicaram a identificar as características de uma personalidade empreendedora. Em 1970, Collins e Moore definiram o empreendedor como pessoas “firmes, pragmáticas e impulsionadas por necessidades de independência e realização” (CHIAVENATO, 2012, p. 9). Ou seja, são indivíduos que assumem riscos e que dificilmente irão se submeter a alguma autoridade. Já Bird (1992), percebe o empreendedor como alguém racional, engenhoso, criativo e oportunista, além de ser considerado instável, pois está propenso a *insights*.

Com isso, já podemos traçar diversas características que estão presentes na personalidade do empreendedor, como, por exemplo: liderança, ambição, persistência, autoconfiança, criatividade, racionalidade, autonomia, competitividade, etc.

3. ARQUIVOLOGIA

3.1 Conceito

O Arquivo Nacional (2005, p. 27) define arquivo como um “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

A partir da definição de arquivo, surge uma nova ciência, a Arquivologia, que juntamente com a ideia de cultura, pode ser conceituada como tudo aquilo que é resultante da criação humana e que está documentado em um suporte, seja ele o papel, a pintura, a foto, o vídeo, entre outros. Portanto, tal disciplina torna-se fundamental não só para a preservação de documentos e informações, mas também como principal agente de preservação da cultura humana.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 37), a Arquivologia ou Arquivística pode ser definida como a “disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos”.

Diante disso, percebemos que os arquivos surgem da necessidade de registrar informações decorrentes das atividades humanas. Estes registros servem tanto de testemunho, caracterizando sua finalidade histórica, como também para reivindicar direitos.

3.2 Breve história da Arquivologia

O homem sempre teve a necessidade de registrar e contar suas experiências para seus descendentes, o que torna a função do arquivista uma das mais importantes para a história da humanidade, pois cabe a ele preservar e manter “viva” a nossa história.

O arquivista, atualmente, executa um papel de relevância dentro da sociedade contemporânea que é o de realizar um trabalho técnico, de forma organizada, visando maior eficiência e qualidade no processo de divulgação de informação das diversas áreas do conhecimento humano. **Esse profissional nos apresenta o passado e o presente** e, precisamente da evolução dos arquivos nas instituições públicas e privadas ao

longo da história. (FERNANDES JÚNIOR, 2016, p. 12, grifo nosso).

De acordo com Paes (1997), em meados do século XIX começou a se desenvolver um crescente interesse pelo valor histórico dos arquivos, fazendo com que os documentos ganhassem o *status* de testemunhos da história.

A partir da 2ª Guerra Mundial houve uma explosão dos avanços tecnológicos e científicos, gerando uma grande quantidade de documentos que cresceram como nunca antes. Ainda segundo o autor, principalmente a partir da 2ª Guerra Mundial, em decorrência do progresso científico e tecnológico alcançado pela humanidade, a produção de documentos cresceu a um nível tão elevado que superou a capacidade de controle e organização das instituições, as quais se viram forçadas a buscar novas soluções para gerir as grandes massas documentais acumuladas nos arquivos.

A partir de então se percebe a importância das informações guardadas sobre os inimigos, com elas estariam sempre um passo a frente, criando estratégias para ações que fariam diferença para derrotá-las.

Com a evolução da Arquivologia, foi se percebendo a importância desta ciência na administração de empresas, instituições públicas, pois a partir do início da existência dessas empresas e instituições, são gerados documentos organicamente, que precisam ser guardados. Daí surge uma ligação da Arquivologia com a Administração, estes se tornam ferramentas fundamentais na gestão das instituições públicas e privadas, auxiliando profissionais de administração e suas lideranças na tomada de decisão, impactando positivamente nos resultados.

A Teoria Arquivística, também conhecida como um conjunto de princípios, conceitos e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e uso de documentos em arquivos Conselho Nacional de Arquivo (CONARQ), esta também trabalha de forma interdisciplinar com outras ciências, como por exemplo a Administração, que “[...] é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos a fim de alcançar objetivos organizacionais”(CHIAVENATO.2003, p. 11).

3.3 Arquivologia e as Tecnologias de Informação e de Comunicação

A profissão do arquivista é frequentemente relacionada a funções burocráticas e de grande manuseio de acervos documentais físicos, principalmente do papel. Contudo, com o avanço das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC), os arquivos vêm se tornando cada vez mais digitais, exigindo do profissional de arquivo maior capacitação para manusear estas novas tecnologias.

É de fundamental importância para se manter a memória viva do nosso passado e de nossa história. Com o surgimento da escrita e conseqüentemente a necessidade de organizar todo conteúdo produzido, tornou-se necessário criar mecanismos de conservação e proteção de todo material escrito para que futuramente possam ser utilizados. Nesse contexto, surgem os arquivos como conjunto de documentos que começaram a fazer parte e estar a serviço da humanidade, que com a evolução científica e tecnológica teve que aprimorar os meios de atuação para melhor atender aos desafios dessa nova realidade. (FERNANDES JÚNIOR *apud* MENNE-HARITZ, 1994).

Devido a essa nova realidade em que a predominância do papel está diminuindo cada vez mais nos acervos documentais, sendo substituído, pouco a pouco, por ferramentas como o HD e as nuvens, muitos acreditaram que o trabalho do arquivista não sobreviveria a tal transformação. Segundo Aline Quintanilha (2016):

Com o “boom” da tecnologia, muitos acreditaram que o trabalho do arquivista teria seus dias contados, devido a constante migração dos documentos do formato de papel para o meio digital. A surpresa é que na verdade aconteceu o inverso. Com a migração dos documentos para o meio digital, notou-se por um lado o grande avanço, por exemplo, com relação à tramitação e produção de documentos, porém por outro lado, percebeu-se como é fácil perder documentos digitais, seja por vírus ou obsolescência de *softwares*. Diante desse novo cenário, as oportunidades para os arquivistas só tendem a crescer. (QUINTANILHA, Aline, 2016).

Com isso, há uma preocupação crescente no que diz respeito à capacitação dos alunos dos cursos superiores de Arquivologia para aprenderem a trabalhar com os chamados “acervos digitais”. Isso ocorre porque, além de o curso de Arquivologia ainda ter uma presença bastante tímida no quadro do ensino superior no Brasil, há também a defasagem no modelo curricular do curso, que não prepara o aluno – futuro profissional da

Arquivística – para manusear as ferramentas tecnológicas necessárias para o tratamento de um acervo digital.

O modelo curricular de formação de arquivistas, estabelecido nos anos 1970, e aparentemente defasado do ponto de vista social, científico e pedagógico, ainda é característica marcante nos cursos de graduação em Arquivologia no Brasil. Discute-se há algum tempo sobre a necessidade de uma revisão do currículo desses cursos, diante do desafio representado pelo grande volume informacional produzido pela sociedade contemporânea, o que exige novas formas no tratamento, recuperação, acesso e difusão das informações, com rapidez e precisão. Essas questões interferem diretamente, tanto na formação teórica quanto prática dos discentes de cursos de graduação em Arquivologia e para o exercício de profissionais de arquivo. (QUINTANILHA *apud* COSTA, 2016).

Em contrapartida, apesar do pouco preparo dos alunos de Arquivologia já disposto anteriormente, esta mudança advinda do desenvolvimento tecnológico trouxe grandes benefícios para a relação entre a Arquivística e a sociedade, pois com a popularização dos acervos digitais há uma maior democratização do acesso à história e a cultura da humanidade como um todo.

Além disso, podemos citar como outras benesses, o uso dessas tecnologias digitais dentro do arquivo para promover a otimização dos espaços físicos. Ao utilizar o computador como principal ferramenta para armazenar e organizar os documentos, há, de imediato, um desafogamento dos ambientes de trabalho onde os profissionais da Arquivística estão habituados a realizar suas atividades laborais, melhorando a qualidade do local de trabalho e evitando a deterioração dos arquivos físicos, além de tornar mais eficiente a busca e o manuseio destes documentos e reduzir os custos com a manutenção de ambientes adequados para o armazenamento de arquivos físicos.

4. O PROFISSIONAL DE ARQUIVO

Conforme o Dicionário Brasileiro Terminologia Arquivística (2005, p.37) a Arquivologia é a disciplina que estuda as funções do arquivo, os princípios e as técnicas a serem observadas na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos, também chamada de arquivística.

A Lei 6.546/1978, que regulamenta a profissão do arquivista, descreve, em seu artigo 2º, um conjunto de 12 (doze) atribuições em que a competência para a realização de planejamento se destaca. São elas:

Art. 2º - São atribuições dos Arquivistas:

- I - planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;
- II - planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;
- III - planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;
- IV - planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;
- V - planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;
- VI - orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;
- VII - orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;
- VIII - orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;
- IX - promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;
- X - elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;
- XI - assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;
- XII - desenvolvimento de estudos.

Desta maneira, observamos que o arquivista, na verdade, é um provedor de informação, pois é ele quem manuseia, organiza, planeja, analisa, administra e conserva as informações. Portanto, diante de tamanha responsabilidade, é necessário que este profissional seja bem capacitado e habilitado para cumprir com todas as suas atribuições.

De acordo com Aline Quitanilha (2016), as características essenciais que definem o bom arquivista são: ser meticoloso, organizado, ser observador,

e ter interesse por atividades burocráticas. Sendo necessário, ainda, em alguns casos, ter boa capacidade de interação e comunicação com o público.

5. O PERFIL EMPREENDEDOR DO ARQUIVISTA NO SETOR PÚBLICO

Segundo Brito (2017), o empreendedor arquivista é aquele profissional legalmente capacitado para exercer a função de arquivista, identificando as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho e que tenha a habilidade criativa para se reinventar na profissão e buscar soluções inovadoras para solucionar os obstáculos existentes, assumindo riscos.

Uma pesquisa realizada com os alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)¹ mostrou resultados bastante desanimadores em relação ao perfil empreendedor destes discentes e da estrutura oferecida pelo curso para efetivar os objetivos propostos pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP).

De acordo com esta pesquisa, 85% dos discentes responderam que pretendem prestar concurso público para seguir a carreira pública e que apenas 33% dos alunos demonstraram interesse em empreender após terminar o curso. Sobre o PPP, mais da metade dos entrevistados afirmaram que não tiveram qualquer contato com disciplinas que estimulassem o desenvolvimento de competências empreendedoras durante a graduação.

Em outra pesquisa, desta vez realizada com os discentes do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), apontou índices muito abaixo do esperado para a categoria de assumir riscos, uma das principais características empreendedoras, evidenciando uma indisposição destes alunos a correr riscos.

Diante disso, podemos deduzir que, como na pesquisa realizada com os alunos da UFPB, os discentes do curso de arquivologia da UFSM tendem mais a seguir a carreira de arquivista dentro do serviço público, sendo poucos os que têm interesse em empreender.

Como podemos observar, a grande maioria dos arquivistas em formação não conseguem desenvolver suas habilidades empreendedoras, seja pela falta de estrutura do curso ou pelo próprio pensamento do aluno de

¹ BRITO, Carlos de França. Empreendedorismo e o perfil do aluno de Arquivologia: **uma análise do PPP da Graduação de Arquivologia da UFPB.**

arquivologia ao confundir o ser empreendedor e o ser empresário, equívoco muito recorrente para grande parcela das pessoas.

Para compreendermos melhor a diferença entre os termos “empreendedor” e “empresário”, podemos analisar da seguinte forma: o empreendedor é o gênero, ou seja, é uma definição mais ampla e que possui várias ramificações, enquanto o empresário pertence a apenas uma dessas ramificações do empreendedorismo, sendo classificado como uma de suas espécies.

Portanto, o ser empresário pertence a uma única espécie (tipo) de empreendedorismo, que é o empreendedorismo empresarial, caracterizando-se pela prática de abrirem um negócio (empresa) próprio visando o lucro através da inovação na prestação de um serviço ou por oferecer um produto inovador.

A diferença mais explícita é o fato de que o empreendedor que abre o próprio negócio é um empresário. Ele cria novos empregos, tem todo o controle da empresa em suas mãos, a tomada de decisão, e o processo de criação e inovação ocorre sem restrições internas. Já o intraempreendedor, trabalha para alguém, a sua tomada de decisões é mais restrita, esse sofre sanções durante o processo criativo. (MELLO FILHO, 2018, p.18).

Sendo assim, o empreendedorismo do qual nos referimos quando falamos do empreendedor arquivista que é servidor público não é o empresarial, mas sim o intraempreendedorismo.

5.1. Arquivista intraempreendedor

O intraempreendedorismo é caracterizado pelo perfil empreendedor que o funcionário de uma empresa/instituição desempenha dentro de seu local de trabalho, sendo ele um subordinado.

O termo intraempreendedor (tradução do Inglês - *intrapreneur*) foi cunhado por Gifford Pinchot (1989) para designar o “empreendedor interno”. **São aqueles que, a partir de uma ideia, e recebendo a liberdade, incentivo e recursos da empresa onde trabalham, dedicam-se entusiasticamente em transformá-la em um produto de sucesso.** (MELLO FILHO, 2018, p.18, grifo nosso).

Portanto, o arquivista que é servidor público pode desenvolver um perfil empreendedor dentro da instituição pública onde trabalha, pois este perfil se caracteriza pela capacidade do profissional de arquivo em realizar suas

atribuições de maneira inovadora, sempre prezando pelo melhor funcionamento das atividades e respeitando as normas legais.

Apesar de ser mais comum dentro das empresas privadas, o intraempreendedorismo também pode ser aplicado ao setor público, pois nada mais é do que a prática do próprio funcionário traçar seu plano de carreira com o objetivo de se tornar cada vez mais valioso para a organização em que trabalha.

Há, ainda, quem defina esta forma de empreendedorismo dentro do setor público como **empreendedorismo público**, que é justamente a habilidade de inovar e querer melhorar o seu ambiente de trabalho fugindo do modo tradicional de realização das atividades laborais.

Muitas pessoas que passam por cargos públicos se deparam com rotinas, muitas vezes defasadas e com funcionários que parecem não ser passíveis de mudanças. Porém, quando um funcionário público compartilha de uma mentalidade empreendedora, ele imediatamente se concentra em achar meios de melhorar o ambiente ao seu redor, facilitando processos e aperfeiçoando serviços, como por exemplo, o atendimento ao público. O gestor público empreendedor é aquele que acredita ser possível substituir o tradicional. (QUINTANILHA, 2016, p. 15).

Quem defende que o uso deste termo é o mais adequado, afirma que esta prática não pode ser chamada de intraempreendedorismo, já que o servidor público possui estabilidade de cargo, mesmo que ambos os casos tratem do empreendedorismo interno, isto é, o empreendedorismo individual em relação à função que alguém desempenha dentro de um sistema, seja este público ou privado.

5.2. Oportunidades profissionais para o arquivista intraempreendedor do setor público

Muitas pessoas não acreditam quando falamos em empreendedorismo no setor público, pois, como já foi exaustivamente exposto, há uma grande confusão entre os termos “empreendedor” e “empresário”. Portanto, o objetivo principal desta subseção será mostrar como o arquivista, servidor público, pode desenvolver características empreendedoras em seu ambiente de trabalho.

A profissão do arquivista vem em constante crescimento, principalmente a partir da década de 90, quando a internet começou a se

popularizar, juntamente com o desenvolvimento das tecnologias da informação. Com este crescimento, surgiu, no mercado de trabalho, um maior interesse por essa função. Devido a isso, atualmente, qualquer instituição e empresa, sejam elas públicas ou privadas, necessitam de um profissional da arquivística.

Os espaços de trabalho dos profissionais arquivistas são as empresas públicas, privadas, as instituições arquivísticas públicas e privadas, os centros de documentação e informação, as universidades e os centros de pesquisa, as filmotecas, e os museus, junto com os bancos de dados e serviços de consultoria arquivística. Além disso, também se inserem as clínicas médicas e os hospitais, as instituições culturais e financeiras, as sociedades e cooperativas, os centros de ensino, os arquivos particulares e as consultorias, além dos órgãos dos poderes legislativo, executivo e judiciário, entre outros. De fato, qualquer instituição produtora de informação é um espaço de trabalho potencial para os arquivistas (SOUZA apud SOUZA, 2014, p. 54).

Podemos observar, portanto, que a arquivologia é uma ciência que está ganhando espaço no mercado de trabalho e se tornando mais conhecida com o passar do tempo. Antes era muito comum haver uma confusão no que diz respeito às competências e às funções do arquivista. As pessoas não conheciam tal ciência e atribuíam estas funções, sobretudo ao administrador, originando uma grande confusão entre as atribuições destes profissionais.

5.3. Características que o arquivista intraempreendedor do setor público deve desenvolver

Uma das características mais importantes para o arquivista intraempreendedor é, sem sombra de dúvidas, a capacitação tecnológica. Como já dissemos anteriormente, a evolução dos meios de informação e de comunicação nos últimos 30 anos modificaram completamente a forma de se pensar, documentar e gerir as informações, tendo o profissional do arquivo um papel primordial no tratamento destas informações.

A Lei nº 12.527/11 (Lei de acesso à informação) evidenciou ainda mais a importância do profissional de arquivo dentro da administração pública. Esta lei, apesar de não tratar especificamente dos arquivos, está diretamente relacionada à função do arquivista.

O acesso à informação, um direito constitucional, só será possível se a documentação esquecida em arquivos e/ou depósitos, tanto das instituições públicas como das instituições privadas, forem trabalhados pelos profissionais da área. Para enfrentar esse novo desafio de prover o acesso à informação e apresentar respostas às demandas, necessário se faz a participação e a existência, em número suficiente, de profissionais capacitados. (SOUZA, 2014, p. 32-33).

Com isso, devido ao aumento massivo da produção de informações principalmente através dos meios eletrônicos, torna-se indispensável para o arquivista ter um bom domínio das ferramentas e suportes tecnológicos.

Segundo Bellotto (2006), o Arquivista precisa entender que atua na “era da Informação” e precisa estar pronto aos constantes avanços tecnológicos, que influenciam diretamente no seu trabalho e campo de atuação. O arquivista precisa ser um profissional versátil, caminhando nas diversas áreas do conhecimento, ter na sua atuação as técnicas de gerenciamento, psicologia humana e está preparado para os mais diversos cenários. (CANUTO, 2017, p.18).

Além do domínio das tecnologias, outra característica que pode ser um diferencial quando falamos do arquivista empreendedor no serviço público é a proatividade. Infelizmente, as pessoas que trabalham em organizações públicas, muitas vezes, se acomodam em suas funções. Portanto, um arquivista proativo consegue melhorar seu ambiente de trabalho e tornar mais eficaz a gestão das informações ao antecipar os problemas e resolvê-los, dando mais celeridade à organização pública onde trabalha.

A criatividade também é um traço importante para quem deseja desenvolver o perfil empreendedor dentro do setor público. Esta característica anda lado a lado com a inovação, influenciando diretamente o potencial de desenvolvimento e modernização da máquina pública.

6. ARQUIVO CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

Em meados dos anos 1970, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) começava a dar os primeiros passos em busca da preservação dos documentos de arquivo, através da criação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR).

O NDIHR tinha como principal objetivo cuidar dos documentos de arquivos gerados pelas instituições e entidades do estado. Para isto, surgiram diversas iniciativas, envolvendo toda a comunidade acadêmica, com a finalidade de organizar os arquivos dessas entidades e instituições paraibanas.

Com isso, como efeito rebote, os docentes, técnicos e alunos da UFPB envolvidos nesse projeto, começaram a perceber que o arquivo da própria Instituição precisava de mais cuidado. E não só o arquivo, mas toda a vida informacional da UFPB, que engloba tanto a preservação dos documentos de arquivo, como também sua gestão e seu acesso.

Entre o final dos anos 1970 e 1993, houve a criação da Comissão Permanente de Avaliação e Incineração, através da Portaria R/DP/Nº689, e a criação da Comissão de Avaliação e Descarte de Processos e Papéis, através da Portaria Nº10/93/PRA. Entretanto, ambas não obtiveram sucesso.

Já em 1995, durante a realização de um curso promovido pelo NDIHR em parceria com o Departamento de História e o então Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB, os servidores que participavam do curso idealizaram a criação de uma comissão de avaliação de documentos respeitando a legislação arquivística. Com isso, foi criada, em 1998, a Comissão de Avaliação de Documentos e Elaboração da Tabela de Temporalidade de Documentos (TTD), por meio da Portaria R/SRH/Nº067/98.

Esta comissão tinha como principais objetivos a preservação dos documentos de valor permanente e a modernização das práticas de gestão acadêmica e administrativa a partir da organização documental.

Em 2001, a TTD elaborada pela Comissão foi aprovada pelo Arquivo Nacional e pelo Conselho Universitário da UFPB. Com esta aprovação, houve uma alteração no nome da comissão, que passou a se chamar Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CPAD).

Com a aprovação do TTD, o novo desafio era aplicá-lo ao Arquivo Geral da Reitoria, que tinha um grande acúmulo de massa documental espalhada pelos Centros de Ensino, Pró-Reitorias e Órgãos Suplementares do Campus Sede da UFPB. Para isso, foi realizado um projeto que contou com a ajuda de alunos dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e História, além dos próprios gestores.

Diante da criação da CPAD e do sucesso na elaboração e na execução do TTD na Instituição, a UFPB se tornou uma referência no âmbito da Gestão Documental, sendo a primeira Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) a conseguir a aprovação de um instrumento de gestão das atividades-fim – o TTD.

Através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em 2007, a UFPB passou a ter condições financeiras para investir na construção do prédio do Arquivo Central. Já em 2010, começa-se a estudar e planejar a edificação de um arquivo modelo, além da criação de um grupo de trabalho visando na elaboração de uma proposta de criação do Arquivo Central e do Sistema de Arquivos da UFPB.

Contudo, após tantos avanços, o projeto ficou adormecido, até que, em 2017, a comunidade arquivística da UFPB, sob a coordenação da Prof^a. Julianne Teixeira e Silva, retomou os trabalhos em relação ao Arquivo Central. Foi criada, então, a Comissão para Criação de Documentos Normativos (CCDN), que tinha como finalidade a elaboração do Regimento do Arquivo Central e do Sistema de Arquivo da UFPB.

Finalmente, no ano de 2018, o Conselho Universitário criou o Arquivo Central e o Sistema de Arquivo da UFPB, através da Portaria nº 43/2018. Com isso, houve a institucionalização e a implementação de uma Política Arquivística, assegurando condições mínimas para uma gestão documental efetiva e para a preservação dos arquivos, além de garantir o acesso ao seu Patrimônio Documental.

6.1 Regimento Interno do Arquivo Central (ACE), Normatização do Sistema de Arquivos da UFPB (SiArq/UFPB) e da Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CAPAD)

A Resolução nº 43/2018 do CONSUNI, já citada anteriormente, traz consigo, em seu anexo I, o Regimento Interno do Arquivo Central e do Sistema de Arquivos da Instituição. Nele está disposta a forma de organização, as atribuições e competências de cada indivíduo que constitui sua estrutura, a sua finalidade, entre outras disposições essenciais para a estruturação do Arquivo Central e do Sistema de Arquivos, dentre as quais ressaltaremos as que julgamos mais relevantes para o presente trabalho, que tem como principal foco a análise dos profissionais que trabalham dentro do Arquivo Central.

Em seu art. 5º, o Regimento dispõe sobre a natureza e finalidade do Arquivo Central, deixando explícito o seu objetivo e os motivos de sua criação, além de estabelecer uma relação de subordinação à Reitoria da Instituição. Vejamos:

Art. 5º Fica criado com a natureza de órgão suplementar da UFPB, o Arquivo Central (ACE), diretamente vinculado ao gabinete do reitor **com a finalidade de propor, implementar, executar, supervisionar e dar apoio aos diversos órgãos e unidades desta autarquia no que tange à política de documentos e registros arquivísticos** e como órgão central ao Sistema de Arquivos (SiArq/UFPB). (grifo nosso).

No que concerne à estrutura do ACE, o art. 6º do Regimento discrimina em três categorias distintas, a direção e duas coordenações, sendo uma de gestão de documentos, registros digitais e sistemas (CGDS), e a outra de arquivos e registros intermediários e permanentes (CAIP).

Art. 6º O Arquivo Central será constituído com a seguinte estrutura:

I - Direção - DACE;

a) Secretaria e Apoio Administrativo.

II - Coordenação de Gestão de Documentos, Registros Digitais e Sistemas – CGDS;

a) Divisão de Protocolo e Expedição de Documentos - DPEX

b) Divisão de Sistemas de Gestão de Registros e Documentos – DSGRD.

c) Divisão de Plataformas de Acesso e Repositório Arquivístico Digital – DPARAD.

III - Coordenação de Arquivos e Registros Intermediários e Permanentes – CAIP;

a) Divisão de Avaliação e Processamento Técnico - DAPT

b) Divisão de Conservação, Preservação e Restauração - DCPR

c) Divisão de Difusão, Pesquisa e Ação Cultural – DDPAC.

Há, ainda, alguns dispositivos de capital importância para o presente trabalho. Porém, para fins didáticos, serão expostos no decorrer da próxima seção, onde serão analisados os resultados de pesquisa realizada com os servidores públicos que desempenham suas funções no ACE.

7. PERCURSO METODOLÓGICO

Foi realizada uma pesquisa com os profissionais de arquivo que trabalham no Arquivo Central da UFPB, em que, através do método quali-quantitativo, aplicou-se questionário individual contendo 10 perguntas objetivas, com a finalidade de traçar o perfil empreendedor destes profissionais.

Estudos quali-quantitativos, de acordo com Pradonov e Freitas (2013), são orientados a complementariedade de duas abordagens de análises de dados (quantitativos e qualitativos). Pesquisas dessa natureza trabalham com realidades com certo grau de complexidade, as quais requerem que sejam tratadas a partir de duas dimensões de análise de um mesmo fenômeno.

Sob o aspecto dos objetivos, essa pesquisa está direcionada no âmbito das pesquisas descritivas, pois esta busca analisar a perspectiva do comportamento intraempreendedor dos profissionais de arquivos que atuam no setor público.

7.1 Amostra e Coleta de Dados

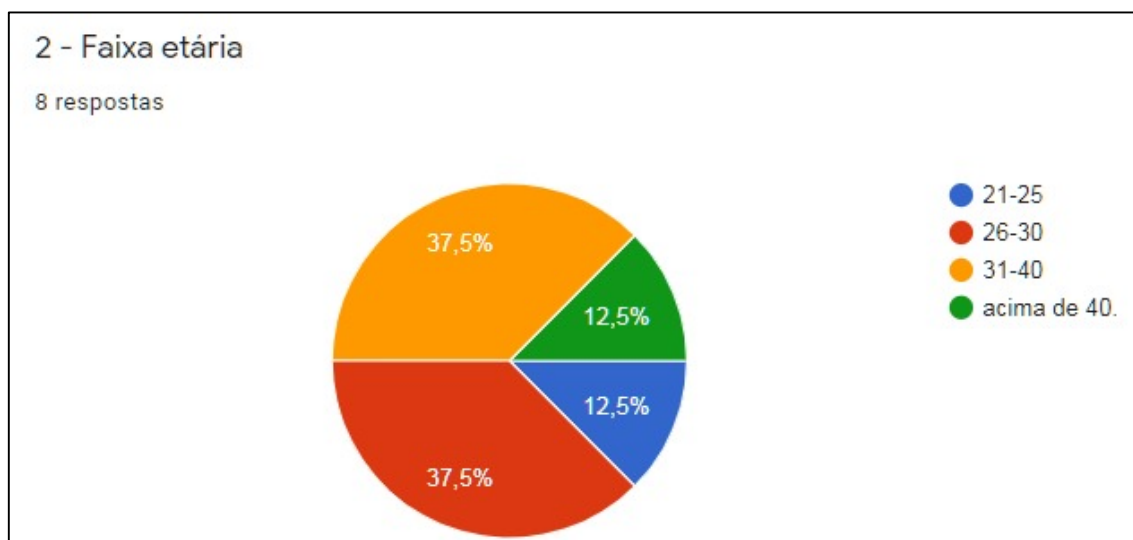
O Arquivo Central da UFPB foi escolhido para ser o universo da pesquisa por ter um número significativo de profissionais de arquivo (arquivistas e técnicos de arquivos) atuando em prol de uma mesma missão.

Desse modo, a amostra está configurada por um total de 10 profissionais, aos quais foram previamente consultados para responderem um questionário online através da plataforma Google Forms (apêndice A), composto por 11 perguntas objetivas.

As perguntas objetivaram a obtenção das seguintes informações sobre estes profissionais: faixa etária; nível de escolaridade; se o curso de Arquivologia foi a primeira opção para ingresso na IES; se sim, o porquê; o nível de escolaridade da função que ocupa no ACE; aspiração em ser contratado(a) através de concurso público; se é realizado(a) profissionalmente; se a instituição onde se formou o(a) estimulou a desenvolver seu perfil empreendedor; quais características empreendedoras ele(a) possui; e se ele(a) se considera com um perfil empreendedor.

Adiante será feita uma análise com base nas respostas fornecidas pelos profissionais do ACE da UFPB, foco da presente pesquisa.

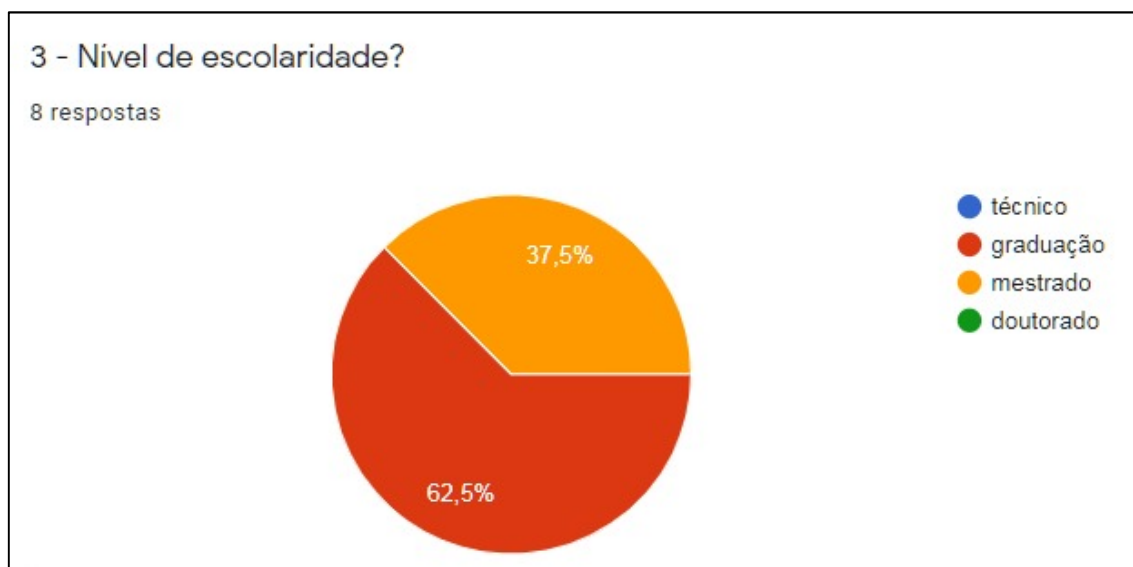
Faixa etária dos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

No primeiro gráfico, observa-se que 65% dos servidores que trabalham no ACE têm idade entre 26 e 40 anos. Este resultado indica que a idade média dos profissionais de arquivo são entre as idades de 26 e 40 anos, se compararmos com a pesquisa realizada com os egressos do curso de arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em 2013, onde apontou que um total de 60% dos egressos tinha esta mesma faixa etária, com uma margem de diferença de apenas 5% entre os resultados destas pesquisas.

Nível de escolaridade



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Observa-se, por conseguinte, após a análise do segundo gráfico, que 100% dos profissionais de arquivo que trabalham no ACE possuem formação superior, em que, destes, 37,5% possuem mestrado e o outros 62,5% são graduados, inexistindo profissionais que tenham apenas o nível técnico ou que possuam doutorado, pois mesmo os cargos que são de nível técnico são ocupados por profissionais que já são graduados.

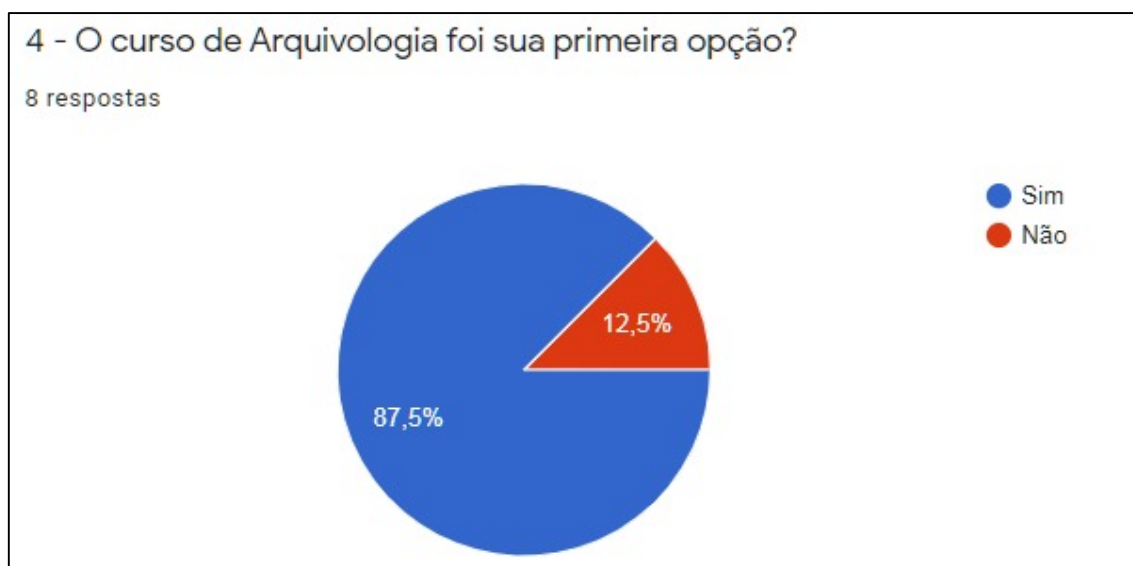
Vale ressaltar que o Regimento Interno do ACE, em seu art. 9º, dispõe sobre o nível de escolaridade que poderá integrar o seu quadro de funcionários, sendo aceito tanto pessoas com nível técnico como também de nível superior.

Art. 9º O pessoal do Arquivo Central será integrado por ocupantes do cargo de Arquivista do quadro permanente da UFPB, técnicos em arquivo, especialistas em arquivos e profissionais que atuem na área ou áreas afins, vinculados ao quadro da UFPB.

Destaca-se, ainda, a discricionariedade em relação a área de atuação, pois não é exigido que a formação, técnica ou superior, seja em Arquivologia, podendo ser em qualquer outra área da Ciência da Informação.

O próximo gráfico (gráfico 3), foi questionado aos participantes da pesquisa se o curso de Arquivologia foi sua primeira opção para ingressar numa Instituição de Ensino Superior (IES), estando diretamente relacionada com a questão trazida pelo gráfico 4, que busca saber qual a motivação que levou as pessoas que afirmaram ter escolhido o curso de Arquivologia como primeira opção a tomarem tal decisão e, se não foi a primeira opção, porquê resolveu cursar tal graduação. Vejamos:

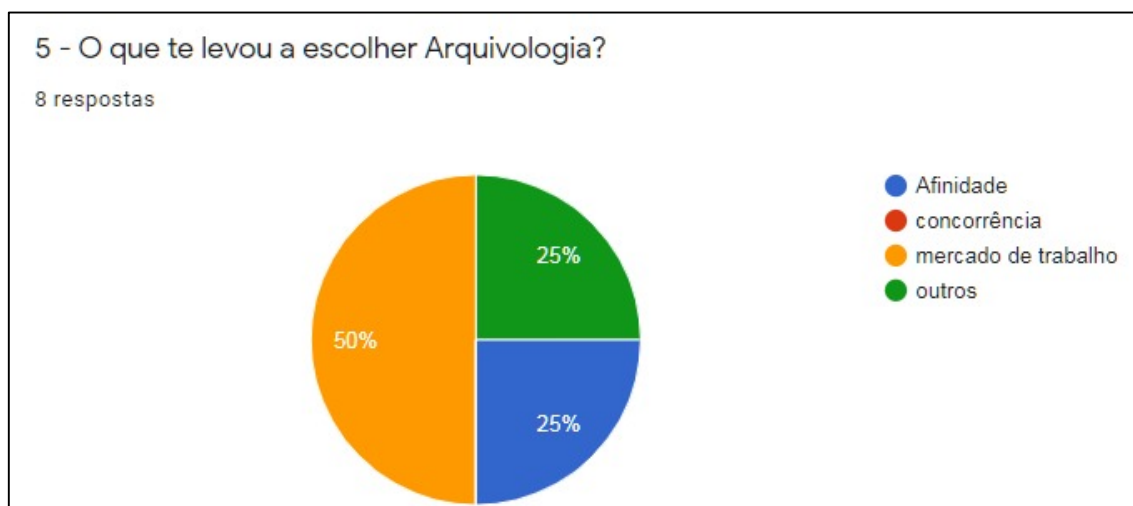
Arquivologia como 1º opção de curso



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Interpretando o gráfico 3, observamos que apenas um dos profissionais que trabalham no ACE afirmou que o curso de Arquivologia não foi sua primeira opção, os outros 7 participantes afirmaram que este curso foi sua primeira escolha.

Motivação da escolha do curso



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Em relação ao gráfico 4, metade dos participantes afirmaram que escolheram o curso de Arquivologia devido às amplas oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho, enquanto apenas 25%, que equivale a dois participantes, afirmaram ter escolhido o curso porque gostam e se identificam com a função desempenhada pelo profissional de arquivo.

Nível da função exercida



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

O gráfico 5 nos expõe que apenas 37,5% ocupam cargos de nível médio no ACE, o que equivale a três pessoas do total. Entretanto, é necessário destacar que mesmo estes servidores que ocupam um cargo de nível médio no ACE possuem curso de nível superior. E os outros 62,5% ocupam cargos de nível superior, de acordo com sua formação.

Percebe-se, ainda, que, de todos os participantes da pesquisa, 87,5% afirmaram que sempre pensaram em seguir carreira dentro do serviço público, através de concurso público, conforme o gráfico a seguir:

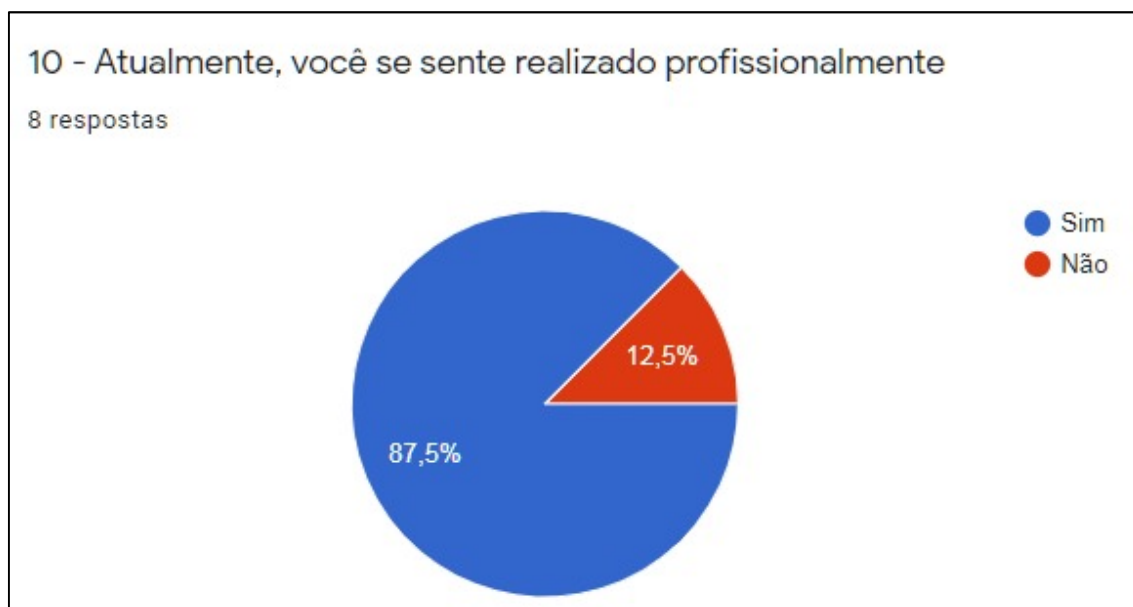
Ambição em prestar concurso público



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

O gráfico 7 demonstra o sentimento de realização de cada profissional em relação a função que desempenha em seu cargo no Arquivo Central. De acordo com os dados fornecidos, apenas uma pessoa está insatisfeita com sua carreira/profissão.

Realização profissional



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

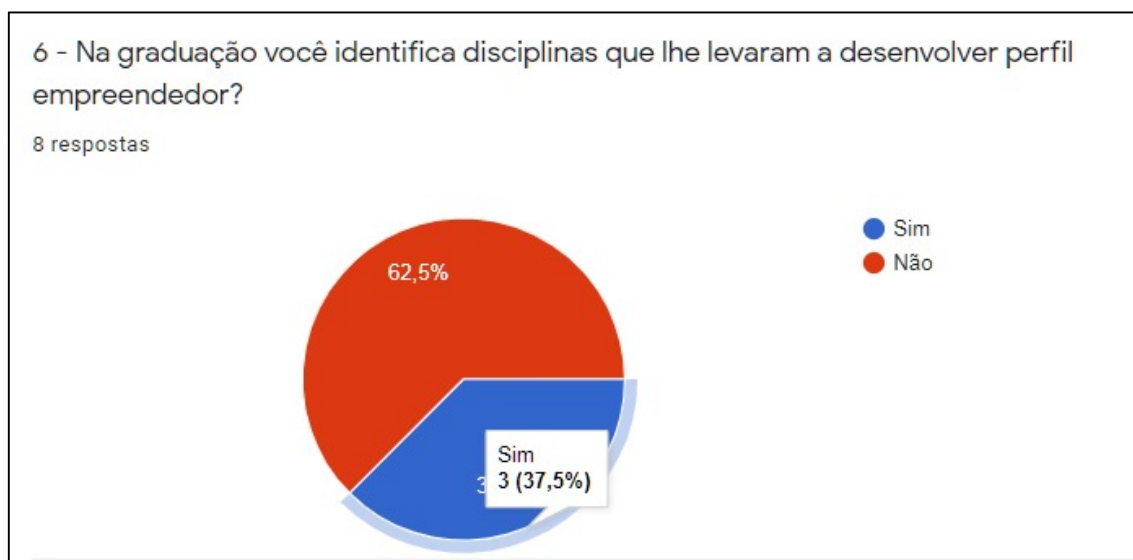
A partir do gráfico 8, passaremos a analisar as questões que irão nos auxiliar a traçar o perfil empreendedor dos servidores públicos que atuam dentro do ACE.

Como forma de retrospectiva, o Gráfico 8 faz uma provocação quanto à importância das instituições de ensino superior para o desenvolvimento do perfil empreendedor do então aluno do curso de graduação em Arquivologia, futuro profissional da Arquivística.

Como já foi exposto no início do tópico 5 do presente trabalho, de acordo com uma pesquisa realizada com os alunos de graduação do curso de Arquivologia da UFPB (SANTOS JÚNIOR, 2016) mais da metade dos alunos entrevistados afirmaram não ter tido qualquer contato com disciplinas que ajudassem a desenvolver o perfil empreendedor dos discentes.

Portanto, o gráfico 8 apenas traz a constatação do que já foi demonstrado por essa pesquisa.

Presença do empreendedorismo nos cursos de Arquivologia



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Diante do gráfico, constata-se que mais da metade dos entrevistados afirmaram não ter tido suporte ou incentivo da instituição de ensino onde estudaram para desenvolver competências e habilidades empreendedoras em sua área de atuação, qual seja, a Arquivística.

Segundo Heloísa Bellotto (2006), no entanto, é importante que o ensino Arquivístico se adapte às necessidades da sociedade da informação, “que é mais do que criar condições otimizadas para escolas de arquivo no campo do ensino, pesquisa, recursos e organização”. Ou seja, é preciso que os cursos estimulem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras dos arquivistas, independentemente de onde estes irão desempenhar suas funções – setor público ou privado –, pois ser um intraempreendedor é ter iniciativa, proatividade e estar sempre buscando melhorar profissionalmente.

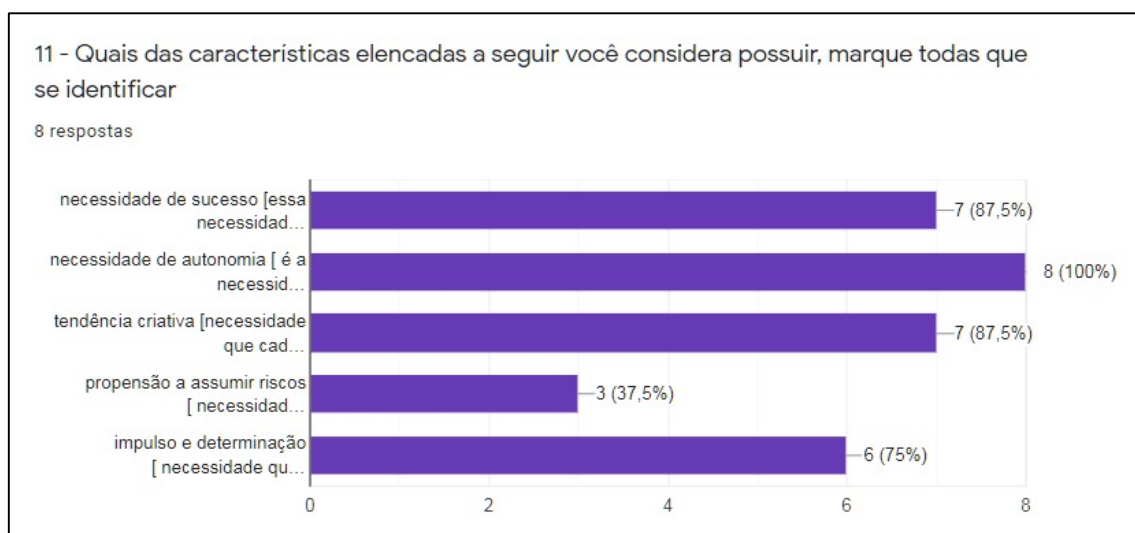
Na questão do gráfico 9², foi questionado ao profissional de arquivo que trabalha no ACE quais características empreendedoras ele percebe em si mesmo. Necessita, portanto, de uma autoanálise, da capacidade de cada participante da pesquisa em conseguir identificar suas próprias características empreendedoras.

² Antes de analisar o gráfico 9, deve ser feita algumas considerações importantes. No questionário disponibilizado para os participantes desta pesquisa, que pode ser consultado ao final do trabalho (apêndice A), pode-se observar que a pergunta referente às respostas do gráfico 10 foi colocada antes da pergunta referente às respostas do gráfico 9. Portanto, tiveram sua ordem invertida se compararmos com posição que ocupam no corpo deste trabalho.

A pergunta do gráfico 9 foi composta por cinco alternativas múltipla escolha, em que cada uma delas era referente a uma das cinco tendências empreendedoras apontadas pelo Teste TEG³. Vale ressaltar, também, que os participantes puderam selecionar mais de uma característica, marcando todas com as quais se identificasse.

Sendo assim, optamos por inverter a ordem de aparição desta pergunta porque, caso contrário, ela poderia influenciar a resposta da pergunta referente ao gráfico 10, que busca identificar quem se reconhece como perfil empreendedor ou não, interferindo na integridade da pesquisa.

Características profissionais autodeclaratórias



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Ao analisar o gráfico acima, percebemos que algumas tendências estão bastante presentes entre os profissionais de arquivo que compõe os recursos humanos do ACE.

Todos os participantes da pesquisa afirmaram que possuem necessidade de autonomia. Esta tendência se caracteriza pela busca por independência, a necessidade de expressar o que pensa, a aversão à subordinação e dificuldade para desempenhar atividades em equipe, preferindo trabalhar sozinho.

³ O teste Tendência Empreendedora Geral (TEG) foi desenvolvido pela *Durham University Business School* em 1988, e consiste em 54 questões que devem ser respondidas pelos respondentes do teste, a fim de que, ao final, possam ser identificadas as tendências que cada participante possui a partir da análise de suas respostas (reações) às questões do teste.

Já a necessidade de sucesso, como também a tendência criativa, foram reconhecidas por 87,5% dos participantes.

A tendência de necessidade de sucesso está intimamente relacionada ao desejo de realização pessoal. Esta tendência é de suma importância para que o indivíduo consiga alcançar a realização profissional. Podemos afirmar, portanto, remetendo ao gráfico 7, que apenas um dos participantes que responderam à pesquisa não reconhece esta tendência e, como consequência, ainda não conseguiu alcançar sua realização profissional.

A tendência criativa, por outro lado, pode ser identificada em pessoas que usam muito a imaginação, são curiosas, que costumam sonhar acordada, gostam de desafios e que têm ideias inovadoras para resolver problemas inesperados.

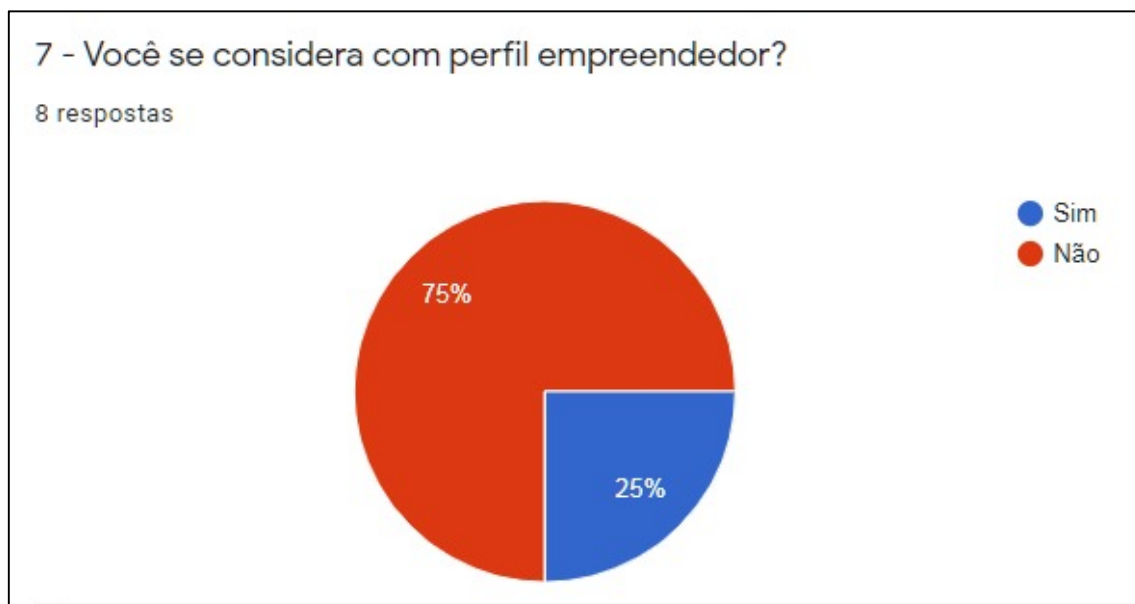
O índice diminui quando falamos da tendência de impulso e determinação, em que apenas 75% dos respondentes reconheceram que têm esta característica. Esta tendência está relacionada à ideia de proatividade. A pessoa que possui tal característica consegue enxergar antecipadamente problemas que possam surgir e resolvê-los antes mesmo de acontecerem. Além disso, são pessoas ousadas, perseverantes e muito focadas em alcançar seus objetivos.

Por fim, e com menor porcentagem de reconhecimento, sendo a única tendência que ficou abaixo de 50%, com 37,5%, o que significa que apenas três do total de oito participantes conseguiram se identificar com esta característica, está a propensão a assumir riscos. Este já era um resultado esperado, levando em consideração que, em regra, as pessoas que buscam seguir carreira no setor público, via concurso público, buscam a estabilidade financeira e a segurança do emprego, comportamentos que divergem das características de um perfil empreendedor.

Como já mostramos na seção 5, os alunos do curso de Arquivologia tendem a seguir a carreira no setor público devido a falta de disposição em assumir riscos, tendência que se caracteriza pela habilidade em lidar com informações incompletas, conseguir avaliar as próprias qualidades com imparcialidade e ser ambicioso, reforçando os resultados alcançados pela presente pesquisa.

O gráfico 10, último resultante da pesquisa realizada com os servidores públicos que trabalham no ACE, demonstra quantos dos participantes que responderam ao questionário se consideram com um perfil empreendedor. Vejamos:

Perfil empreendedor



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Como mostra o gráfico, apenas duas pessoas responderam que se consideram com perfil empreendedor e seis responderam não se considerar com este perfil.

Em contrapartida, de acordo com o gráfico anterior (gráfico 9), seis dos participantes responderam afirmando possuir pelo menos quatro de um total de cinco tendências empreendedoras, o que indica que estas seis pessoas têm forte perfil empreendedor, mas não se reconhecem com este perfil, segundo o gráfico 10.

Segundo Dornelas (2014), apesar de rótulos de servidores públicos, aparentemente oposto ao empreendedorismo, na verdade existem empreendedores na área pública que fazem a diferença e trabalham por um país mais justo e igualitário. (DORNELAS apud. SANTOS JÚNIOR, p. 30, 2016).

Diante disso, observa-se que, apesar de os participantes da pesquisa não se reconhecerem com um perfil empreendedor, muitos se identificaram com mais de uma característica empreendedora.

Assim sendo, o que podemos concluir é que há pouco conhecimento sobre o que é ser um empreendedor, pois a maioria das pessoas, não só os profissionais da Arquivística, confundem o ser empreendedor e o ser empresário, como já dissemos no tópico 5.

Portanto, é necessário que, principalmente no curso de graduação em Arquivologia, tenha uma grade curricular que viabilizem os discentes à identificarem o perfil empreendedor em sua formação, além de estimular e incentivar os futuros profissionais de arquivo a desenvolver suas habilidades empreendedoras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquivística é uma ciência que vem sofrendo transformações nos últimos anos, sobretudo devido ao avanço das tecnologias de informação e de comunicação, que transformou a Ciência da Informação como um todo e a mantém em constante mudança, exigindo que o profissional de arquivo se reinvente para se sustentar no mercado de trabalho.

Em meio a toda esta transformação, conseguir desenvolver o perfil empreendedor torna-se um grande diferencial para o profissional de arquivo. Características como ter criatividade, ser proativo, perceber e solucionar problemas antes de acontecerem, buscar soluções inovadoras e estar sempre atualizado acerca das novas tecnologias fazem não só o profissional ter vantagem na hora de conseguir um emprego em uma empresa privada, como também o auxilia quando este possui um emprego no setor público.

O profissional de arquivo que trabalha no setor público, quando consegue desenvolver o perfil empreendedor, traz mais eficiência, celeridade e otimização para o sistema público, que já é tão defasado e desacreditado. Nota-se, portanto, a tamanha relevância do tema abordado no presente trabalho tanto para a comunidade acadêmica como também para toda a sociedade.

Além disso, diante dos resultados obtidos através de pesquisa realizada com os servidores públicos que atuam no Arquivo Central da UFPB, percebemos que há ausência de informação sobre o que é ser um empreendedor. Apesar da maioria dos participantes identificarem em si características empreendedoras, não conseguem se reconhecer com o perfil empreendedor, interferindo diretamente em como estes profissionais de arquivo se enxergam diante do cargo que ocupam.

A pesquisa revelou, ainda, a fragilidade no ensino e a falta de incentivo para que os discentes das Instituições de Ensino Superior possam desenvolver suas habilidades empreendedoras.

Diante das considerações apontadas, é de suma importância que estas instituições deem mais atenção ao tema, incentivando os seus alunos a desenvolverem tais habilidades. Além disso, é necessário que as organizações

e instituições do setor público estimulem seus funcionários a descobrirem e aplicarem o perfil intraempreendedor em suas funções, através de treinamentos, cursos, palestras e workshops.

Por fim, nos resta clara a amplitude e a profundidade do tema em apreço. Devido a isso, espera-se que este trabalho estimule futuras pesquisas sobre o intraempreendedorismo do profissional de arquivo no setor público, por ser tema vasto e pouco explorado pela comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ana Andréa Vieira Castro de. **Trajetória Arquivística da UFPB**. 2019. Disponível em:

<https://www.ufpb.br/arquivocentral/contents/menu/assuntos/apresentacao>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BAHIA, Eliana Maria dos Santos, SEITZ, Eva Maria. **Arquivista empreendedor**. Revista ACB, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 468-481, 2009.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BILAC, Doriane Braga Nunes *et al.* Perfil empreendedor dos formandos dos cursos de ciências contábeis na Faculdade ITOP. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 3, n. 1, p. 78-88, 21 jun. 2016. Mensal. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/130>. Acesso em: 15 maio 2020.

BRITO, Carlos de França. **Empreendedorismo e o perfil do aluno de Arquivologia: uma análise do PPP da Graduação de Arquivologia da UFPB**. 2017. 123 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CANUTO, Daniel Pericles Santos. **O arquivista e o técnico de arquivo: perfil, mercado e desafios diante das tecnologias**. 2017. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2007.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Picture, 2006.

FERNANDES JÚNIOR, Tiago. **A importância histórico-social dos arquivos e a atuação do arquivista na sociedade da informação**. 29 f. Curso de Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

GUIMARAES JUNIOR, Edward Humberto; MACEDO, Kátia Barbosa. O papel do empreendedor na formação de grupos sociais: uma abordagem psicodinâmica. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 257-264, dez. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572013000300004&lng=pt&nrm=iso. acesso em 14 set. 2019.

HORA, Sergio Ricardo Almeida da; SATURNINO, Luyz Paullo Targino; SANTOS, Profª Msc. Eliete Correia dos. **A Evolução do Arquivo e da Arquivologia na Perspectiva da História**. 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-arquivo-e-da-arquivologia-na-perspectiva-da-historia/33326/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

JARDIM, José Maria. **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.

LUNA, Edgar. **Ser Empreendedor não é ter um negócio, é um Estilo de Vida**. 2012. Disponível em: <http://www.hmdoctors.com/2012/ser-empreendedor-nao-e-ter-um-negocio-e-um-estilo-de-vida/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MELLO FILHO, Erivaldo Dias de. **Intraempreendedorismo**: o impacto do ambiente de trabalho no espírito intraempreendedor dos arquivistas. 30 f. Curso de Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Feevale, 2013.

QUINTANILHA, Aline Hott. **O arquivista empreendedor**: ampliando os horizontes do profissional do arquivo. 2016. 41 f. TCC (Graduação) – Curso de Arquivologia, Departamento de Ciência da Informação GGA, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SANTOS JÚNIOR, João Henrique dos. **Análise das ações empreendedoras e suas dimensões no campo da arquivologia em João Pessoa-PB**: um estudo dos profissionais e empresas da área. 2016. 62 f. Monografia (Graduação) – Curso de Arquivologia, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2016.

SOUZA, Solange Machado de. **O mercado de trabalho para o arquivista egresso do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo**. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquivologia, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VEDOIN, Aline Medianeira Ramiro. **Tendência empreendedora**: perfil dos alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria. 2010. 82 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão em Arquivos, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, São João do Polêsine, 2010. Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18121/TCCE_GA_EaD_2010_VE_DOIN_ALINE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 22 jul. 2020.

VERGA, E.; SOARES DA SILVA, L. F. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE (IBQP). **Empreendedorismo no Brasil**: relatório executivo. 2019. Disponível em: <http://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

APÊNDICE A – Modelo de Questionário Aplicado

Prezado (a) Senhor(a), peço a gentileza de preencher o questionário a seguir, que faz parte da minha pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Arquivologia da UFPB, onde pesquiso perfil intraprenehedor dos concursados, na área de arquivologia.

OBS.: Não há necessidade de identificação.

Grata pela colaboração!

Questionário

1. Faixa etária

- 21-25 26-30
 31-40 acima de 40

2. Nível de escolaridade?

- técnico graduação
 mestrado doutorado

Se graduado , responda as próximas 3 perguntas

3. O curso de Arquivologia foi sua primeira opção?

- sim não

Se não, qual seria?

4. O que te levou a escolher Arquivologia?

- afinidade
 concorrência
 mercado de trabalho
 outros

5. Na graduação você identifica disciplinas que lhe levaram a desenvolver perfil empreendedor?

- sim não

6. Você se considera com perfil empreendedor?

sim não

7. Você sempre quis fazer concurso público?

sim não

8. Você ocupa função de nível:

médio superior

9. Atualmente, você se sente realizado profissionalmente?

sim não

10. Quais das características elencadas a seguir você considera possuir?
Marque todas que se identificar

necessidade de sucesso

[essa necessidade pode ser percebida quando a pessoa tem visão de longo prazo, está determinada a finalizar as atividades que inicia, é otimista e persistente, tem confiança em se mesmo, está sempre orientada a alcançar resultados e é autossuficiente]

necessidade de autonomia

[é a necessidade que uma pessoa possui de ser independente, de enxergar os problemas e acreditar nas suas habilidades pessoais para superar as adversidades, agindo com firmeza e tranquilidade]

tendência criativa

[necessidade que cada pessoa tem de encontrar soluções diferenciadas, rápidas e alternativas para os problemas diários, bem como criar produtos e serviços inovadores]

propensão a assumir riscos

[necessidade que cada pessoa tem de enfrentar desafios e administrar os riscos de forma planejada para poder alcançar seus objetivos e poder controlar os resultados a serem alcançados]

impulso e determinação

[necessidade que cada pessoa tem de criar estratégias rápidas para enfrentar os obstáculos e desafios cotidianos]